



MR 001. (Re)Definições de Gênero e processos de biomedicalização

Jane Araújo Russo (IMS-UERJ) - Coordenador/a,
Fabiola Rohden (UFRGS) - Participante, Débora
Allebrandt (UFAL) - Participante, Jane Araújo Russo
(IMS-UERJ) - Participante, Maria Claudia Pereira
Coelho (ICS/UERJ) - Debatêdor/a

Esta mesa redonda tem como objetivo discutir algumas das novas formas de intervenções biomédicas relativas à sexualidade e à reprodução e suas interfaces com marcadores sociais da diferença, com destaque para a dimensão das relações de gênero. Pretende-se, dessa forma, fomentar o debate antropológico mais geral acerca das articulações possíveis entre a produção de variadas formas de conhecimento e de intervenções e seus efeitos no cotidiano, agregando diferentes perspectivas teóricas e campos de investigação empírica. Por meio de análises que se dedicam a compreender o impacto de novos recursos como a utilização de hormônios, distintos medicamentos e materiais genéticos, busca-se dar conta dos efeitos da disponibilização desses artefatos. A intenção é priorizar as interfaces entre ciências, tecnologias, sociedade e poder, tendo como foco as redes que envolvem desde a produção de conhecimentos e de tecnologias até suas repercussões relacionadas a novas formas de entendimento do sujeito em diversos cenários contemporâneos. Tais cenários abarcam o surgimento de distintas formas de (bio) sociabilidade e subjetividades, incluindo a apropriação crítica de conhecimento e tecnologia com o objetivo de autoaperfeiçoamento, implicando diferentes modos de distanciamento, aproximação e utilização do discurso médico-científico.

Entre óvulos e espermatozoides: Agenciando gametas e noções de gênero na Reprodução Assistida (RA)

Autoria: Débora Allebrandt

Há décadas, pesquisadores têm se dedicado a trabalhar as implicações, agenciamentos e tabus da ausência involuntária de filhos, comumente associada à terminologia da infertilidade. Um aparato tecnocientífico se centrou no corpo feminino como obstáculo e objeto de intervenção. Tomamos o advento da técnica ICSI (Injeção Intracitoplasmática de espermatozoide), em 1992, como um marco nos agenciamentos materiais da relação da RA com os corpos masculinos. Acreditamos que promessas da ICSI, associada ao estereótipo de eficiência de "apenas um" espermatozoide possam trazer insights sobre a construção de técnicas e protocolos voltados para a "infertilidade masculina". Analisamos artigos científicos produzidos desde 1992 na área da medicina reprodutiva e embriologia, buscando situar os fluxos de substâncias e plasticidades das técnicas observadas especificamente a partir da questão de gênero.

Hormônios, procesos de transformação corporal e subjetivação

Autoria: Fabíola Rohden

Este work discute a produção de subjetividades e transformações corporais que ocorrem a partir do uso de recursos biomédicos tendo como fio condutor o depoimento de uma usuária de implante hormonal. O caso ilustra a emergência de um novo tipo de "paciente-especialista-consumidor/a", como tem sido descrito/a na bibliografia sobre os processos de biomedicalização da sociedade. Contudo, para além desta caracterização, permite avançar na problematização do estabelecimento de fronteiras predefinidas entre fatores apresentados como materiais ou discursivos. Considerando a narrativa da entrevistada, percebe-se que a subjetividade produzida é dependente da atuação do implante hormonal, ao mesmo tempo em que o implante exige uma série de investimentos para produzir os efeitos esperados. Isto remete à uma abordagem analítica que privilegie os diferentes processos de materialização implicados.

**Parto humanizado como exemplo de biossociabilidade: uma proposta de análise****Autoria:** Jane Araújo Russo

O parto como evento fisiológico para o qual o corpo feminino está naturalmente preparado é o núcleo a partir do qual se define o parto humanizado. É através do parto, como evento biológico fundante, que a mulher ?vira? mãe. Uma concepção básica de natureza feminina (um corpo que ?sabe? parir) aliada à crítica ao imperialismo médico/masculino constitui a base de uma afirmação do empoderamento da mulher que pare. A concepção subjacente do parto como evento natural e fisiológico está fundada em uma concepção mais abrangente de natureza tout court, à qual se opõe a cultura / biomedicina responsável pela repressão ao funcionamento natural do corpo. Uma vez descartada essa repressão a mulher ?reaprende? a parir. Meu objetivo é analisar as redes de adeptas do parto humanizado como exemplo de biossociabilidade, entendendo a nova maternidade como construção de uma identidade biológica e corporal.



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:**Apoio:****Organização:**